CRISE ALIMENTAR NO MUNDO

ROBERTA POSSAMAI[1], FELIPPE SERIGATI[2]

A disparada da inflação mundial, quebras de produção por problemas climáticos e o início do conflito no Leste Europeu têm, seriamente, levantado o temor de uma crise global de fome.

CLARAMENTE, A inflação de alimentos é um fenômeno que está atingindo fortemente os brasileiros, sobretudo nos últimos meses. Nesse sentido, de acordo com o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), o preço médio da alimentação realizada no domicílio acumulou uma alta de 16,1% em doze meses até abril último.

Apesar de isso ser uma notícia desconfortável para o País, é importante frisar que esse cenário de alta de preços não é exclusividade do Brasil; pelo contrário, é um fenômeno global: o Food Price Index (ou Índice de Preços de Alimentos, em português) da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, na sigla em inglês), que busca mensurar os preços internacionais de uma cesta de *commodities* alimentícias no mundo, atingiu, em março, o seu maior valor desde o início da série histórica, que se deu em janeiro de 1990.

A disparada da inflação, no Brasil e no mundo, foi uma consequência natural do desequilíbrio entre oferta e demanda de bens que teve início com a pandemia de COVID-19 e piorou com as condições climáticas adversas e, mais recentemente, o início do conflito bélico no Leste Europeu. Todo esse cenário gerou uma tempestade perfeita, que tem elevado sobremaneira o temor de uma crise global de fome nos próximos meses e anos.

MESMO ANTES DA GUERRA ENTRE A RÚSSIA E A UCRÂNIA, O CENÁRIO JÁ ERA DESAFIADOR

A pandemia de COVID-19, que vem assolando o mundo desde 2020, gerou desequilíbrios que implicam uma forte pressão sobre os preços:

- As medidas para tentar reduzir a disseminação do vírus, entre outros efeitos, alteraram as rotas marítimas, criaram novos e mais demorados protocolos para os embarques e os desembarques nos portos e ocasionaram, consequentemente, maiores custos de fretes, afetando toda a cadeia de produção. Além disso, muitas empresas e indústrias fecharam suas portas, mesmo que temporariamente. Isso acarretou alguns problemas nas cadeias globais de suprimentos, impactando negativamente a oferta de bens.

- Em adição a isso, os governos de diversos países adotaram políticas fiscais e monetárias bastante expansionistas, de modo que, quando as economias puderam voltar a funcionar com um mínimo de normalidade (a partir do segundo semestre de 2020), o consumo interno se aqueceu de forma rápida e intensa.



SHUTTERSTOCK

DO LADO DA OFERTA, AS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS ADVERSAS PIORARAM AINDA MAIS A SITUAÇÃO

Para piorar o cenário deixado pela pandemia, o ano de 2021 e os primeiros meses de 2022 foram marcados por alguns eventos climáticos adversos, que reduziram a oferta agrícola entre alguns importantes produtores de *commodities*.

Para exemplificar, pode-se citar o caso do Brasil, que foi prejudicado, notadamente, por fortes geadas em meados de 2021. Por sua vez, a China, que é o principal produtor mundial de trigo, sofreu com chuvas e inundações no mesmo ano, resultando em uma safra reduzida. E, agora, mais

recentemente, um extremo calor na Índia (segundo maior produtor de trigo do Planeta) dizimou uma parte relevante da sua produção.

O CONFLITO BÉLICO NO LESTE EUROPEU GEROU AINDA MAIS DESEQUILÍBRIOS

Em um momento de redução de oferta e alta dos preços derivados, sobretudo, da pandemia de COVID-19 e das condições climáticas adversas, iniciou-se o conflito bélico entre a Rússia e a Ucrânia.

Esses países são relevantes ofertantes de itens importantes da cadeia global de suprimentos. Conjuntamente, de acordo com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, na sigla em inglês), eles responderam por 15,2% das exportações mundiais de milho, 27,5% das de trigo e 28,8% das de cevada na safra 2020/21. Além disso, a Rússia é um importante produtor de potássio e fosfato, que são ingredientes essenciais para a produção de fertilizantes.

Nesse sentido, a guerra praticamente zerou as exportações da Ucrânia, uma vez que os embarques do país pelos portos do mar Negro estão paralisados desde o início da invasão russa, no final de fevereiro último. Além disso, as sanções econômicas impostas à Rússia vêm dificultando o acesso aos produtos dessa nação, notadamente aos fertilizantes. Logo, a guerra piorou consideravelmente a organização da cadeia global de suprimentos, que já estava bem desorganizada, reduzindo ainda mais a oferta de produtos alimentícios.

RESULTADO DA TEMPESTADE PERFEITA: MAIOR INSEGURANÇA ALIMENTAR MUNDIAL

A consequência natural de todos esses fatos ocorridos desde 2020 foi, como observamos anteriormente, uma escalada de preços, sobretudo, de produtos alimentícios a patamares globais inéditos. O aumento das cotações reflete uma oferta de bens reduzida, cuja consequência, possivelmente, será o aumento do número de pessoas em situação de fome no mundo, o que pode se complicar nos próximos meses e anos.

A situação já é grave, mas vale ressaltar que ela pode piorar ainda mais caso o conflito no Leste Europeu continue. Entre os principais motivos, estão:

- Parte da safra passada da Ucrânia já havia sido embarcada antes da guerra, aliviando um pouco o cenário. No entanto, para a safra atual, aqueles silos do país que não foram destruídos pela guerra estão cheios de milho e cevada; logo, os agricultores não têm onde armazenar a próxima colheita, que deve acontecer no final de junho, podendo apodrecer. Além disso, o país deverá ter dificuldades na agricultura, uma vez que não conta com mão de obra, insumos e combustíveis para o desempenho da atividade;

- Até o momento, a Rússia está conseguindo exportar a sua produção, apesar dos custos e dos riscos, porém, em um futuro próximo, pode sofrer com a falta de sementes e pesticidas que costuma comprar da União Europeia, pois esta vem impondo sanções ao país.

Vale ressaltar que, na tentativa de amenizar o problema da fome no mundo, o Banco Mundial anunciou, em meados de maio último, um programa de apoio à agricultura, com um fundo de US$ 30 bilhões, para os próximos quinze meses. Além disso, é preciso explicitar que uma efetiva forma de tornar a situação menos complicada, enquanto os desequilíbrios ainda estão presentes, é manter o livre-comércio, diferentemente do que algumas nações vêm fazendo. Ou seja, com o objetivo de garantir a segurança alimentar e a inflação interna, alguns países estão suspendendo suas exportações, o que é, claramente, um erro grave, uma vez que a solução para o aumento da fome no mundo deve vir de uma ação global, e não local. ■

A INFLAÇÃO DE ALIMENTOS NO MUNDO
(FAO FOOD PRICE INDEX – MÉDIA 2014-2016 = 100)



Fonte: FAO

1 Mestre em Economia Agrícola pela Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV EESP) e pesquisadora do Centro de Agronegócio da FGV (FGV Agro) – roberta.possamai@fgv.br

2 Doutor em Economia pela FGV EESP, professor e pesquisador do FGV Agro – felippe.serigati@fgv.br